

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Linha de Pesquisa: Cultura de Massa e Práticas Sociais

Título: Interações Digitais – usos sociais da Internet em perspectiva etnográfica.

Autora: Adriana Braga

Resumo: A dinâmica comunicacional estabelecida no ambiente interacional da Internet será analisada. Em particular, busco discutir as formas específicas com as quais arranjos interacionais se organizam, e como as relações de pertença e reconhecimento se estabelecem. Os dados são oriundos das interações de grupos no âmbito das redes sociais, encontros presenciais, entrevistas pessoais e gravações em vídeo de interações entre participantes e a tecnologia comunicacional em situações de uso. A perspectiva da Ecologia das Mídias e a aplicação de conceitos da Análise do Discurso, das teorias da Interação Social e da Etnometodologia, possibilitam identificar categorias interacionais e discursivas, a serem descritas e analisadas.

Palavras-chave: Interação Social; Comunicação Mediada por Computador (CMC); Cibercultura.

Introdução

O presente projeto busca a dar continuidade às atividades de pesquisa desenvolvidas no âmbito do PPGCOM desde julho de 2008, desta vez enfatizando principalmente a dimensão de processo de subjetivação presente nas atividades on-line, em dinâmicas comunicacionais tais como constituição de identidades, processos de legitimação e criação de circuitos comunicacionais, aspectos componentes do universo de atividades sociais a que denomino “Ordem da Interação Digital.”

O foco teórico desta pesquisa centra-se no estudo da interação ocorrente no ambiente da Internet, desde uma perspectiva ecológica da mídia. O termo ecologia da mídia (*media ecology*) foi originalmente definido por Neil Postman em 1970 (*apud* Strate, 2003, p. 19) como “o estudo da mídia como ambientes.” Walter Ong (2002) destaca que, com a explosão de informação que marca a época atual, a consciência das inter-relações de todas as coisas da vida e das estruturas do mundo em torno de nós tornou possível o estabelecimento de relações precisas e elaboradas entre realidades e particularidades específicas com outras realidades no universo e ambiente humanos. Esse autor considera que, dado o intensivo e detalhado conhecimento atual do universo interconectado e sua história evolutiva, vivemos no que poderia ser chamado de “era ecológica.” Logan (2002) credita o início da perspectiva ecológica da mídia às acepções

mcluhanianas, pioneiras na preocupação com o papel dinâmico da mídia e da tecnologia nos ambientes econômico, político, social e cultural. Nesse sentido, a perspectiva ecológica da mídia agrega como aspectos da comunicação os estudos da mídia, da tecnologia e da linguagem, e a interação entre esses três domínios, entendidos como um ecossistema (Logan, 2002).

Este estudo busca investigar as interações ocorrentes a partir do ambiente de Internet estabelecido em redes sociais. O objetivo central consiste em descrever e analisar aspectos da dinâmica interacional estabelecida entre participantes das interações sociais neste ambiente. Em termos mais específicos, pretendo discutir as formas particulares com as quais arranjos interacionais se organizam, bem como as relações de pertença e reconhecimento entre as participantes, à luz de teorias da enunciação e da interação social. A partir da noção de sociabilidade, que poderia ser definida brevemente como uma forma autônoma, estética e lúdica da sociação (Simmel, 1983), procurei caracterizar este ambiente de mídia como *locus* privilegiado do encontro entre cibercultura, práticas sociais e tecnologia computacional.

Ambientes Digitais e Identidades: justificativa

A problemática que norteia este estudo parte da compreensão das redes sociais, fenômeno midiático expressivo surgido na última década, como ambientes específicos possibilitados pelo suporte técnico e seus usos, que originam práticas sociais peculiares. Acredito que essas interações verbais tecnologicamente mediadas podem ser pensadas como um interessante ponto de partida para investigar a relação entre tecnologias da informação e interação social na contemporaneidade.

As fontes de sentido da vida social são diversas, originadas de campos sociais distintos. As mídias, tomadas como uma dessas fontes, realizam ação significativa nos processos identitários nos nossos dias. As mídias, entendidas como importantes dispositivos de “socialização, de integração social e de reprodução cultural” (Esteves, 2000, p. 26) podem ser consideradas agentes ativas no processo de constituição das identidades sociais.

As possibilidades proporcionadas por essas tecnologias delineiam um fenômeno histórico emergente que assinala uma tendência, e que demanda compreensão. A considerar a implementação constante de programas e campanhas de

alfabetização, escolaridade, busca de solução para a problemática de acesso, inclusão digital nas escolas e periferias, as práticas sociais pelos grupos observados apontam para uma perspectiva de crescimento exponencial, mesmo que hoje essas pessoas ainda possam ser tomadas como uma elite privilegiada.

Objeto e Problema de Pesquisa

O fenômeno que este estudo se propõe a investigar se refere a uma atualização contemporânea específica, o uso social das tecnologias computacionais recentes por grupos em interação.

As atividades on-line estão inseridas em condições práticas de uso, utilizando-se de recursos de outros contextos interacionais em combinações específicas de acordo com a demanda do caso de uso em questão. Tais atividades não parecem substituir atividades tradicionais, mas funcionar como seus complementos ou transformações. Vários aspectos da conversação oral-auditiva podem ser identificados na CMC; entretanto, outros modelos podem compor essa atividade específica, como escritura de cartas, telefonema, conversação presencial, etc. Nesse sentido, o material em exame aponta para a necessidade de observação do modo peculiar de expressão verbal neste ambiente, buscando compreender a especificidade dessa cultura comunicacional feita de textos escritos a partir do modo pelo qual participantes interagem.

A forte dimensão interacional do fenômeno observado aponta para a necessidade de complementar a análise do discurso das participantes com uma abordagem de cunho etnográfico, visando a compor um aparato que possa captar com maior precisão e abrangência a complexa relação interacional ali estabelecida. Assim, serão examinadas transcrições de entrevistas realizadas com informantes selecionados/as, anotações feitas a partir da participação nos encontros promovidos periodicamente por participantes, interações verbais encontradas nos blogs que pareçam pertinentes, e ainda, o conteúdo de um diário de campo etnográfico.

Quadro Teórico de Referência

Especificidades da atividade on-line

Buscando lidar com um objeto de natureza tecnológica, é preciso evitar tanto a tentação do determinismo quanto da negação que este tipo de objeto suscita. A abordagem de Ong (1998) apresenta um meio termo sensato, que, a partir de uma perspectiva histórica, realoca a oralidade no lugar de originadora da cultura escrita. A escrita, considerada como tecnologização da palavra, por estar tão incorporada ao próprio pensamento humano, tem sua forma e organização tomadas como óbvias, dadas. As semelhanças e diferenças entre oralidade e escrita, entretanto, apontam aspectos interessantes de subculturas de sociedades de cultura escrita de alto grau como a nossa, onde fragmentos de oralidade podem ser identificados, revelando aspectos de grande interesse de estudo. Na passagem da fala para a escrita, opera-se um desvio do universo sonoro para o espaço visual (Ong, 1998, p. 135). Nesse sentido, observa-se nos ambientes digitais um modo frequente e curioso de expressão, registros por escrito com ritmo e expressividade característicos de formas basicamente orais.

Este uso subversivo da língua culta – aquela dos documentos formais – reitera o distanciamento eletivo do mundo do trabalho, e a consequente adesão ao descompromisso próprio da sociabilidade. Uma distinção importante é ressaltada por Ong com relação à escrita e à oralidade, e parece se aplicar aos dados de campo:

A escrita e a leitura diferem da oralidade, em termos de ausência: o leitor está normalmente ausente quando o escritor escreve, e o escritor está normalmente ausente quando o leitor lê, ao passo que, na comunicação oral, falante e ouvinte estão presentes, um diante do outro (Ong, 1998, p. 191).

Para Ong, uma das diferenças operadas pelo surgimento da escrita com relação à cultura oral foi a introdução de um tipo de reflexão analítica até então inexistente. Livre da obrigatoriedade da presença física do outro e da concomitante necessidade do imprevisto demandado pela cultura oral, a cultura escrita permite tempo para reflexão, para escolher as melhores palavras. Com isso, ganha-se em precisão verbal, mas perde-se um pouco em espontaneidade. Em nossa época de oralidade secundária – oralidade pós-tecnologia da escrita –, a promoção da espontaneidade se dá através da reflexão analítica operada pela escrita: decide-se que é conveniente ser espontâneo (Ong, 1998, p. 155).

Assim, a introdução de uma nova tecnologia em dada cultura implica uma reorganização desta nos mais diversos níveis, promovendo novo repertório de palavras, novas práticas sociais, novos protocolos de interação, nova visão de mundo. A partir

disso, não se tem a cultura mais a nova tecnologia, mas uma outra cultura. Nos termos de Neil Postman, “a mudança tecnológica não é nem aditiva nem subtrativa. É ecológica. Refiro-me a ‘ecológica’ no mesmo sentido em que a palavra é usada pelos cientistas do meio ambiente. Uma mudança significativa gera uma mudança total” (Postman, 1994, p. 27).

O computador pode ser usado como ferramenta, quando realiza tarefas como processamento de texto, gerenciamento de base de dados, bem como meio de comunicação, quando usado para a comunicação interpessoal através da rede de computadores. Enquanto a tecnologia é mera máquina, na medida em que é utilizada para o uso de um código simbólico e estabelece-se em certo espaço social, torna-se meio, isto é, um ambiente social e intelectual criado pela máquina (Postman, 1985). A interação estabelecida entre usuários/as cria o ambiente de mídia, esse novo espaço intelectual e social denominado ciberespaço.

A ideia de usar computadores como meio de comunicação foi introduzida por J.C.R. Licklider e Robert Taylor, em 1968 (Barnes, 2003), e forneciam as idéias conceituais para o desenvolvimento da Internet: i) redes de comunicação são mais que enviar e receber informação de um ponto a outro, os agentes são participantes ativos que têm papel central no processo comunicativo; ii) comunicação é um processo de reforço mútuo, que envolve criatividade; iii) o computador digital é um meio flexível, interativo que pode ser utilizado para a comunicação humana cooperativa; iv) a comunicação baseada em computadores exige um enquadramento comum da situação.

A tecnologia digital, em rede, permite que as pessoas distribuam mensagens rapidamente pelo mundo, estendendo o alcance da comunicação humana. Nesse movimento, amplia-se o espaço de acolhimento e visibilidade da expressão individual ou interesses de grupos específicos. Entretanto, é importante ressaltar que este mesmo movimento, que promove a “democratização” deste espaço, entendido como espaço público, tem como para-efeito uma banalização e desconfiança com relação a grande parte do volume dos conteúdos publicados nestes ambientes. Páginas na Web são criadas por uma variedade de indivíduos e organizações, tornando indispensável uma avaliação das informações veiculadas quanto à exatidão, autoridade, objetividade, segurança e atualidade por parte de quem as utiliza. Se a informação ali é livre, é também duvidosa. É possível observar em várias instâncias da Internet a utilização deste

espaço apenas como uma possível via de acesso às mídias tradicionais, que possuem a legitimidade pretendida pelos/as autores/as.

Desde 1999, o lançamento de sistemas de criação e hospedagem gratuita de páginas pessoais baseadas na Web, possibilitou que usuários/as que não dominavam o *script* HTML (*hipertext markup language*), recurso básico para a criação de *websites*, criassem seus blogs, fenômeno recente que registra crescimento exponencial.

O blog é um *website* pessoal ou coletivo, geralmente sem fins comerciais, que mantém arquivos de registros datados e atualizados regularmente. Os blogs veiculam conteúdos que expressam a opinião dos/as autores/as sobre os temas tratados em ordem retrospectiva, baseia-se em independência e partilhamento, quase sempre com livre acesso. A maioria dos blogs disponibiliza um espaço de interação, de debate, de “arena pública,” onde visitantes podem deixar seus comentários, criticar, interagir com o/a blogueiro/a, e com os/as demais visitantes. Os blogs geralmente oferecem uma lista de indicação com *links* internos e externos que apontam para *posts* de arquivo, outros blogs recomendados e conteúdos que guardam afinidade com o tema de interesse do grupo.

Interação Social e Apresentação do *Self* na Cibercultura

Desde a criação de interfaces simplificadas para veiculação de conteúdos on-line, os ambientes de Internet passaram a ser largamente utilizados por usuários/as não especializados/as como meio de expressão individual e coletiva, operando como um espaço social para apresentações do *self*, onde são veiculadas representações de identidade e de individualidade, em uma dinâmica análoga ao que Goffman (1998) denomina “gerenciamento da impressão” (*impression management*).

Os indivíduos se agregam a partir de interesses e necessidades que definem conteúdos específicos. Mas para além desses conteúdos, o fato de se sentirem sociados provoca satisfação em seus membros, a formação daquela sociedade como tal é em si um valor. O puro processo de sociação, a forma desse processo é, assim, um valor estético socialmente apreciado. Sendo assim, a sociabilidade (Simmel, 1983) evita atritos com a realidade, de modo que os motivos da sociação, implicados na vida prática, não têm importância neste contexto interacional. Ponto semelhante é

desenvolvido por Goffman, para quem a maior parte da interação social cotidiana é possibilitada pelo engajamento comum e voluntário dos participantes no que ele chama de “consenso operacional” (Goffman, 1998), uma espécie de concordância superficial, onde cada participante abstrai suas posições pessoais em prol de uma definição da situação compartilhada por todos:

A conservação desta concordância superficial é facilitada pelo fato de cada participante ocultar seus próprios desejos por trás de afirmações que apóiam valores aos quais todos os presentes se sentem obrigados a prestar falsa homenagem. (...) Os participantes, em conjunto, contribuem para uma única definição geral da situação, que implica não tanto num acordo real quanto às pretensões de qual pessoa, referentes a quais questões, serão temporariamente acatadas, haverá também um acordo real quanto à conveniência de se evitar um conflito aberto de definições da situação. Referir-me-ei a este nível de acordo como um “consenso operacional” (Goffman, 1998, pp. 18-19).

Mesmo com toda a mediação tecnológica, a interação nos ambientes digitais parece não prescindir do encontro presencial. Por vezes, frequentadores/as efetivamente promovem encontros de fato, mais aos moldes da sociabilidade descrita por Simmel. Os encontros são concebidos, planejados e comentados no ambiente digital, e documentados nos ambientes de Internet por participantes. Nesse caso, as relações mediadas pelas tecnologias participam do contexto da interação, e a propósito dela: blog + bar + *e-mail* + MSN + celular + fotografia digital + *fotolog* + lista de discussão restrita + Orkut + Twitter + Facebook. Esta espécie de interação, assemelhada à de um clube, associação de interesses compartilhados, utiliza as mídias disponíveis de modo complementar, a serviço da interação.

Se por um lado, a teorização de Goffman sobre a ordem da interação face a face parece se aplicar muito bem ao objeto sob investigação, por outro, os dados apontam também diferenças importantes. Goffman considera que há duas espécies de expressividade do indivíduo, atividades radicalmente diferentes e igualmente significativas: a expressão “transmitida”, ligada à linguagem verbal e à intencionalidade, e a expressão “emitida”, que inclui os gestos, olhares, suores, sorrisos ou expressões faciais, permitindo inferências nem sempre controladas pelo indivíduo. No caso dos blogs, há menos elementos de emissão de expressão, somente aqueles veiculáveis por forma verbal – erros de português, por exemplo – havendo uma preponderância da informação deliberadamente transmitida. Isso traz consequências ao tipo de interação que se estabelece. Relativamente livres da expressividade via emissão, os sujeitos encontram menos obstáculos – ou obstáculos de outra ordem – em tentar

manejar a impressão causada nos outros, através de pseudônimos, *nicknames*, tentativas de controle com relação à informação fornecida.

Segundo Goffman (1998), um indivíduo, ao se apresentar diante de outros, pode agir de várias maneiras com relação ao que esses outros esperam dele. O processo de apresentação de si no contexto dos blogs se dá de diversas maneiras; não obstante, alguns padrões podem ser identificados. A temática proposta pelo blog geralmente participa do conteúdo das mensagens de entrada em cena no ambiente, mas não necessariamente. O elemento que garante reconhecimento e pertencimento aos grupos é o elogio, padrão de entrada mais recorrentemente encontrado. O elogio ao espaço e à iniciativa é geralmente bem recebido e respondido. Entretanto, outros padrões se observam, os quais denominei 'não-elogio' e 'crítica' (Braga, A., 2005) O não-elogio, que pode ser um pedido de informação, uma dica ou comentário, geralmente é respondido com hospitalidade ou simplesmente não respondido. As críticas têm como resposta o ostracismo, a ironia ou a agressividade.

O ambiente dos blogs também apresenta características de interação diferenciadas daquelas apresentadas pela sociabilidade, deixando perceber o desenvolvimento de outra forma de sociação, o conflito. A importância sociológica do conflito (*kampf*) é problematizada por Simmel (1983) de forma original. Enquanto admite-se que o conflito modifique ou até produza grupos de interesse, o autor se pergunta se o conflito, independente de qualquer fenômeno do qual resulte ou acompanhe, é, em si mesmo, uma forma de sociação. Apesar dos conflitos serem motivados por fatores de dissociação, são também modos de se conseguir algum tipo de unidade. Assim, o conflito pode ser visto como algo positivo, na medida em que ambas as formas de relação, a divergente ou a convergente, se diferenciam fundamentalmente da indiferença entre indivíduos ou grupos, que seria nesse sentido puramente negativa. É da divergência de ânimos e direções de pensamentos que fluem a estrutura orgânica e a vitalidade do grupo. Ao contrário do que pode parecer, unidade e discordância são tipos de interação que não se anulam, mas se somam; e mesmo que a discordância possa ser destrutiva em relações particulares, não tem necessariamente o mesmo efeito no relacionamento total do grupo, podendo até ter um papel inteiramente positivo nesse quadro mais abrangente. As hostilidades preservam limites no interior do grupo e muitas vezes garantem suas condições de sobrevivência. O direito e o poder de rebeldia

contra tiranias, arbitrariedades, mau-humor contribui para a manutenção da relação com pessoas cujo temperamento não poderia ser suportado de outra forma.

Entre os pontos característicos da sociabilidade, Simmel destaca também sua natureza democrática, uma espécie de “toma lá, dá cá,” onde cada participante oferece valores sociais ao ambiente (alegria, realce) na mesma proporção com que recebe. Eliminado o que é pessoal e objetivo, a sociabilidade “cria um mundo sociológico ideal” (Simmel, 1983, p. 172), onde o prazer do indivíduo está implicado no prazer dos outros. Esta espécie de clube criado a partir desta interação específica, que se manifesta como um “campo finito de significação” (Schutz, 1962), desvinculado dos assuntos sérios e objetivos, aparece frequentemente nos materiais da comunicação mediada por computador.

Desta maneira, na sociabilidade, a conversa é o propósito em si, a conversa é a realização de uma relação lúdica, que só quer ser relação. Enfim, talvez seja interessante para justificar a investigação sobre esse tipo de material, a aproximação que Simmel faz da sociabilidade, “exatamente por sua distância de sua realidade imediata, pode revelar a natureza mais profunda desta realidade, de maneira mais completa, consistente e realista que qualquer tentativa de apreendê-la mais diretamente” (Simmel, 1983, p. 180). A considerar o relaxamento dos papéis formais desempenhados em outras situações interacionais, os momentos de sociabilidade tornam-se mais propensos ao fluxo de conteúdos espontâneos, íntimos ou inconscientes, informações talvez mais facilmente protegidas em situações sérias.

Método

Neste momento busco situar os conceitos citados acima visando apontar a pertinência da articulação entre eles para o objeto de pesquisa e objetivos deste estudo.

Na construção teórica e metodológica para a análise, alguns conceitos procedentes de contextos e escolas diferentes, tornam-se operacionais para guiarem a investigação. Para os fins deste estudo, considero que dois destes conceitos estão intimamente articulados, a saber, “interação social” (Goffman, 1999) e “enunciação” (Benveniste, 1989). Estes conceitos foram produzidos em contextos bem distintos. A noção de interação social foi pensada no âmbito da Escola de Chicago, visando a dar conta dos processos de trocas simbólicas entre os/as participantes de uma situação

social; o conceito de enunciação refere-se a uma dimensão descritiva dos modos através dos quais se elaboram discursos. O desafio proposto é pensar como essas noções se articulam para que se institua a feminilidade proposta no ambiente dos blogs.

Por sobre os elementos mais palpáveis dos blogs – os *posts*, *links*, *layout* – é possível perceber um conjunto de princípios, valores e interpretações sobre os eventos. Negociações de sentido realizadas por interações de modo dinâmico, que negociam significados a partir de perspectivas e métodos práticos de enfrentamento de situações concretas e posicionamentos das/os participantes da interação. Estas perspectivas e posições são afirmadas e registradas através de discursos que se materializam em textos escritos, principalmente no contexto das redes sociais. Os trabalhos sobre os discursos pressupõem que estes já trazem em si “marcas” que revelam aspectos do funcionamento do sistema social e da cultura dentro da qual foram gerados, ainda que, muitas vezes, o/a enunciador/a não o pretenda (Fausto Neto, 1991).

Assim, fragmentos de definições de situação aparecem como tópicos de debate nos discursos desses ambientes, seguidos de outros posicionamentos relativos, estruturando o que chamei de *thread* (termo tomado da metodologia desenvolvida por Rutter & Smith, 2002, que se refere a um conjunto de comentários motivados por dado assunto em interações on-line), unidade de análise descrita abaixo. O *thread*, assim, se mostra como resultante de um duplo ordenamento: sujeito à ordem do discurso (na sua dimensão política de negociação de significados), e à ordem da interação (na sua dinâmica de apresentação do *self* das/os participantes). Desta maneira, acredito que a articulação entre enunciação e interação social resulta produtiva para operacionalizar a leitura do complexo processo interacional sob exame.

O contexto discursivo das redes sociais pode ser pensado como um *front* de lutas por definições de realidade, e nessa “transação de falas” (Mouillaud, 1997) que produz os sentidos, significados de toda ordem disputam espaço de legitimidade. No entrecruzamento de pressupostos culturais, cultura de consumo, saberes tradicionais e relações históricas de poder, definições de realidade são propostas, negociadas e transformadas no âmbito da constituição desses discursos. Este tipo de operação discursiva constitui um dos aspectos a ser analisado neste estudo.

Netnografia: possibilidades e limites da observação não-participante

Nas relações interpessoais face a face, por telefone e assim por diante, as pessoas sabem como agir visando determinada impressão no interior de seu grupo de convivência cotidiana. Mesmo que nenhuma regra esteja formalmente codificada, existe uma regulação tácita que cria expectativas de práticas sociais entre os indivíduos. A CMC, por sua incipiência, demanda dos/as participantes das interações neste contexto certa improvisação diante de situações não vividas. Sendo assim, adapta-se modelos de outros contextos de interação para experimentar e ao mesmo tempo criar as regras para as relações ocorrentes neste ambiente específico. Assim, os padrões de expressão praticados nesses ambientes não deixam de estar submetidos ao controle social das/os participantes da interação. A possibilidade do anonimato, por exemplo, pode funcionar simultaneamente como estímulo para vínculos de amizade e intimidade, bem como para a agressividade e desrespeito ao outro.

Para o exame das trocas sociais ocorrentes no ambiente digital, uma aproximação caso a caso busca o refinamento da reflexão sobre os objetos comunicacionais emergentes a partir de sua natureza prática mais que teórica. Ao se afastar das práticas interativas vividas pelos sujeitos, corre-se o risco de produzir uma teoria estipulativa que se baseia na potencialidade oferecida pela tecnologia disponível na Internet como meio de comunicação e não em seus usos concretos.

O neologismo “netnografia” (*nethnography* = *net* + *ethnography*) foi originalmente cunhado por um grupo de pesquisadores/as norte americanos/as, Bishop, Star, Neumann, Ignacio, Sandusky & Schatz, em 1995, para descrever um desafio metodológico no trato com esses materiais: preservar os detalhes ricos da observação e campo etnográfico usando o meio eletrônico para “seguir os atores.”

No clássico livro *A Interpretação das Culturas*, de 1973, Geertz se posiciona entre aqueles que se preocupam com a limitação, com a especificação do conceito de cultura, visando reduzi-lo a uma dimensão justa que garanta a continuação de sua pertinência. Para substituir a teorização de seus antecessores que concebiam inúmeras e amplas definições para o conceito, o autor defende um conceito de cultura semiótico. Partindo da proposição de Max Weber, segundo a qual “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu,” a cultura seria “essas teias e sua

análise” (Geertz, 1978, p. 15), demandando assim uma ciência interpretativa em busca do significado.

A técnica etnográfica foi concebida e historicamente aplicada a grupos sociais em interação face a face com o/a etnógrafo/a, que fazia da sua experiência uma fonte de dados. O modo peculiar de interação ocorrente na CMC é de alguma forma uma novidade, que traz desafios metodológicos à aplicação desta tradicional técnica de pesquisa, tornando necessário ajustar alguns pressupostos da etnografia a esse novo objeto, de que somos testemunhas e agentes em sua confecção.

Em termos metodológicos, a etnografia se funda na noção de observação participante, visto ser impossível, em situações face a face, uma observação não-participante. Ora, os ambientes interacionais da CMC caracterizam-se pela ausência física das/os visitantes, sendo possível tornar-se “invisível.” Sendo assim, é possível apreender a cultura de um grupo somente observando? É possível uma “observação não-participante?”

A condição que possibilita o ofício do/a etnógrafo/a é a imersão e a experiência da efetiva participação no ambiente pesquisado. Este ofício inclui participar, observar, descrever: categorias que formam a unidade do fazer etnográfico. Então, *lurking* é participação? Essa especificidade é o objeto central desse questionamento metodológico. A observação participante on-line é uma participação peculiar, na medida em que, em termos de presença/ausência, a informação acerca da presença do/a observador/a no *setting* não está disponível às/aos demais participantes.

A partir de uma problematização em torno das particularidades da interação em um ambiente baseado em texto, o *newsgroup* RumCom.local, dois pesquisadores ingleses, tendo optado pelo método etnográfico, relacionam as vantagens da sua aplicação ao ambiente on-line.

Etnografia online é certamente um sonho do pesquisador. Ela não implica em deixar o conforto de seu escritório; não há complexos privilégios de acesso para negociar; dados de campo podem ser facilmente gravados e salvos para análise posterior; um grande montante de informação pode ser coletado rapidamente e sem custos (Rutter & Smith, 2002a, p. 3).

Os autores alertam para a importância de o/a pesquisador/a estar atento a respeito de *onde* estamos estudando como etnógrafos eletrônicos, na medida em que, como em uma ligação telefônica, as relações estabelecidas na rede são definidas por

atos de interação e comunicação, considerando que não há um “lugar” no universo virtual para além da metáfora (2002a, p. 4).

No estudo das ações sociais, a etnometodologia (Greiffenhagen & Watson, 2005) trata do seu sentido como sendo situado e prático, ou seja, envolvendo um âmbito de considerações práticas para o uso, o que Schutz (1962) chama de ‘atitude da vida cotidiana.’ Tais atividades são caracterizadas mais por sua natureza prática que teórica. Assim, recomenda-se proceder através de análise empírica adequada, baseada caso a caso.

Em termos metodológicos, esta vertente da Sociologia trabalha com a noção de ‘exigência singular de adequação,’ uma competência exigida do/a analista na atividade concernida. A competência comum na atividade sob exame pode evitar que o/a analista descreva as atividades dos/as pesquisados/as de forma estipulativa ou focalize nas vicissitudes do/a novato/a. Ou seja, o que pode ser familiar para os/as participantes de uma interação específica pode parecer ‘estranho’ para um/a observador/a pouco competente no campo do fenômeno.

Os *logfiles*, produzidos através da própria tecnologia da CMC, muito frequentemente são tomados como *os* dados da pesquisa, facilitando os problemas de coleta de material para análise (Miller, 1995). Entretanto, há muitos perigos nesta opção metodológica. Os *logfiles* apresentam uma vista aérea da interação geral, ou seja, um ponto de vista típico do/a analista, não do/a participante da CMC, uma instância corrente, em processo, além de perder a possibilidade de capturar como os/as participantes estabelecem aquela interação ao longo do tempo. O uso do computador está implicado em atividades mais amplas da vida cotidiana, a comunicação estabelecida por esse meio pode ter outro objetivo além da comunicação em si, desta forma a dependência exclusiva dos *logfiles* envolve uma descontextualização que arrisca não permitir que o fenômeno seja percebido propriamente. Assim, há uma tentação de tratar os *logfiles* como independentes e priorizar apenas os seus conteúdos, removendo as especificidades da CMC. Nesse sentido, analistas que tomam os *logfiles* como única fonte de dados poderiam ser caracterizados como o que Roy Turner chamou de ‘arqueólogos/as por opção,’ analistas que optam por considerar apenas fragmentos e traços de uma sociedade em suas análises, quando a própria sociedade ainda está disponível (Greiffenhagen & Watson, 2005).

As possibilidades e limitações das abordagens apontadas acima evidenciam a necessidade de, a cada pesquisa, desenvolver uma composição de técnicas que resulta, em cada caso, num aparato metodológico específico – naquilo que Becker (1993) denomina “multimétodo.” Como dito acima, os/as participantes da CMC conduzem suas atividades tendo como modelo recursos de várias práticas comunicacionais anteriores, sendo uma delas a escrita em geral, concretizadas em enunciados passíveis de ser analisados pelo aporte teórico fornecido pela Análise do Discurso – a complementar o trabalho etnográfico.

Se por um lado, o arquivo disponibilizado pela tecnologia da Internet em *logfiles* parece oferecer ‘tudo’ o que se passa nas atividades da CMC, o que parece minimizar os problemas de coleta de dados, por outro, a utilização deste recurso como única fonte de dados pode tirar a oportunidade do/a analista de perceber os sentidos intersubjetivamente partilhados.

Sistematização dos Dados e Procedimentos Analíticos

O ambiente disponibilizado pela Internet não é ocupado de forma homogênea, há muitas estruturas distintas. Das muitas aplicações disponíveis, algumas se estabelecem e permanecem, enquanto que outras formas de uso dos recursos técnicos proporcionados caem em desuso. Entre os formatos que parecem ter se estabelecido com vigor, pode-se destacar o e-mail – meio de comunicação em geral pessoal e privado –, o *website* – institucional e público –, o mensageiro instantâneo – pessoal, privado e síncrono –, e o blog, público e pessoal, ou seja, espaço público, mas “com dono/a.”

O ponto de partida para a operacionalização deste estudo consiste em comentários publicados nas redes sociais. A estes dados, acrescentam-se entrevistas presenciais, por telefone e mensageiro instantâneo com blogueiros/as e participantes, além de observação participante em encontros presenciais, experiências registradas sistematicamente em um diário de campo etnográfico. Estas opções visam a ampliar a base empírica de dados para a compreensão do fenômeno investigado em sua complexidade, evitando os perigos de ter como única fonte de dados os registros disponíveis nos *logfiles*, como abordado acima.

O uso da mídia eletrônica como contexto para a apresentação do *self* parece acrescentar novas características e recursos para esta atividade. A interação on-line

permite que a apresentação do *self* ocorra de várias maneiras diferentes. Para o exame das representações do *self* encontradas nesses ambientes, alguns elementos se apresentam como profícuos: descrições pessoais, informação para contato, *links*, letra de música, citações, sinais de afiliação, testemunhos pessoais, informações correlatas e ainda a chegada ao ambiente social sob investigação, matéria da primeira impressão disponível aos/às participantes da interação. Assim, a coleta dos comentários desde seu início permite analisar a formação e o processo de configuração de diferentes aspectos deste espaço interacional, como os protocolos de entrada em cena de novos/as participantes, critérios de inclusão/exclusão/ostracismo de visitantes, princípios formativos dos circuitos interacionais, além do tratamento dado a temas de interesse específicos.

A unidade básica de análise para lidar com os numerosos dados provenientes dos registros disponíveis na rede consiste no *thread*, um conjunto de comentários relativos a um mesmo tema, fenômeno interacional/verbal típico da interação social na Internet, descrito por Rutter e Smith (2002a; 2002b). Em um *thread*, as/os participantes alternam comentários datados e numerados, em uma espécie de radicalização da dinâmica de “turnos de fala” (Schegloff, Sacks & Jefferson, 1974) na conversação face a face, na qual não há corte ou sobreposição de falas, mas uma sequência numericamente configurada.

Assim, considero importante buscar, além da diversidade dos conteúdos apresentados nos ambientes digitais, “os princípios estruturantes que fornecem ordem em meio ao fluxo” (Smith, 2004, p. 51). A estipulação dos *threads*, a observação de sua duração, frequência e conteúdos para a organização e exame desses dados em seu conjunto demonstram grande potencial analítico, uma vez que é no confronto entre posições manifestas ao longo dos *threads* que a negociação social dos sentidos se realiza, tanto na ordem do discurso quanto na ordem da interação, os dois eixos principais desta investigação, visando a uma caracterização profunda das modalidades de interação ocorrentes neste ambiente.

Referências Bibliográficas

- BARNES, Susan. *Computer-mediated communication: human-to-human communication across the Internet*. Boston/USA, Allyn and Bacon, 2003.
- BECKER, Howard S. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo, Hucitec, 1993.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, Pontes, 1989.
- BISHOP, Ann P., STAR, Susan L., NEUMANN, Laura, IGNACIO, Emily, SANDUSKY, Robert J., & SCHATZ, Bruce. "Building a university digital library: Understanding implications for academic institutions and their constituencies." In: *Higher Education and the NII: From vision to reality*. Proceedings of the Monterey Conference, Sept. 26-29. Washington, DC, Coalition for Networked Information, 1995.
- BRAGA, Adriana A. "Sociabilidade no Livro de Visitas: uma dimensão comunicacional da feminidade contemporânea." In: BRAGA, Adriana (org.) *CMC, Identidades e Género: teoria e método*. Coleção Estudos em Comunicação. Covilhã/Portugal, Universidade da Beira Interior, 2005.
- _____. "Técnica Etnográfica aplicada à Comunicação Online: uma discussão metodológica." In: *UNirevista*, v. 1, n. 3. São Leopoldo, Unisinos, julho de 2006.
- ESTEVES, João Pissarra. "Nova ordem dos *media* e identidades sociais." In: Vários autores, *Mídias e Processos Socioculturais*. São Leopoldo, Unisinos, 2000.
- FAUSTO NETO, Antônio. *Mortes em Derrapagem*. Rio de Janeiro, Rio Fundo, 1991.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2002.
- GOFFMAN, Erving. *Interaction Ritual: Essays in Face-to-Face Behavior*. Garden City, Doubleday, 1967.
- _____. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 1998.
- _____. *Os momentos e os seus homens*. (selecionado e apresentado por Yves Winkin) Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1999.
- GOMES, Wilson. "Opinião Política na Internet: uma abordagem ética das questões relativas a censura e liberdade de expressão na comunicação em rede." Brasília, X Compós, 2001.
- GREIFFENHAGEN, Christian. & WATSON, Rod. "'Teoria' e 'Método' na CMC: identidade, género, e tomada-de-turno – uma abordagem etnometodológica e analítico-conversacional." In: BRAGA, Adriana (org.) *CMC, Identidades e Género: teoria e método*. Coleção Estudos em Comunicação. Covilhã/PT, Universidade da Beira Interior, 2005.
- LEMONS, André. "Ciber-Socialidade: tecnologia e vida social na cultura contemporânea." São Paulo, VII Compós, 1998.
- LOGAN, Robert. "The Five Ages of Communication." In: *Explorations in Media Ecology* (1/1) pp. 13-20. New Jersey, Hampton Press, 2002.
- MILLER, Hugh. "The Presentation of Self in Electronic Life: Goffman on the Internet." Paper presented at Embodied Knowledge and Virtual Space Conference. University of London, 1995.

- MOUILLAUD, Maurice. *O Jornal: da forma ao sentido*.
Brasília, Paralelo 15, 1997.
- ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*.
Campinas, Papirus, 1998.
- _____. “Ecology and Some of its Future.” In: *Explorations in Media Ecology* (1/1) pp. 5-11. New Jersey, Hampton Press, 2002.
- PAGLIA, Camille. *Personas Sexuais: arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson*
São Paulo, Cia das Letras, 1992.
- POSTMAN, Neil. *Amusing ourselves to death*.
New York, Penguin Books, 1985.
- _____. *Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia*.
São Paulo, Nobel, 1994.
- RUTTER, Jason & SMITH, Greg. “Ethnographic Presence in Nebulous Settings: A Case Study.”
Paper presented at ESRC Virtual Methods Seminar Series.
Brunel University, 2002a.
- _____. “Spinning Threads: Rituals of Sociability in CMC.”
Disponível em: http://les.man.ac.uk/cric/Jason_Rutter/papers, 2002b.
- SCHEGLOFF, Emanuel, SACKS, Harvey and JEFFERSON, Gail. “A Simplest Systematics for the Organization of Turn-Taking for Conversation”
Language, 50, n 4, 1974. Disponível em:
<http://www.sscnet.ucla.edu/soc/faculty/schegloff/pubs/index.php>
- SCHUTZ, Alfred. *Collected Papers*.
The Hague, M. Nijhoff, 1962.
- SIMMEL, Georg. *Sociologia*.
São Paulo, Atica, 1983.
- SMITH, Greg. “Instantâneos ‘sub specie aeternitatis’: Simmel, Goffman e a sociologia formal.”
In: GASTALDO, Édison (org.) *Erving Goffman, desbravador do cotidiano*. Porto Alegre, Tomo Editorial, 2004.
- STRATE, Lance. “The cell phone as environment.” In: *Explorations in Media Ecology* (2/1).
New Jersey, Hampton Press, 2003.

Sites:

Computer Industry Almanac Inc.

<http://www.c-i-a.com>

Nielsen/Net Rating Service

<http://www.nielsen-netratings.com>

Technorati

<http://www.technorati.com>

INTERAÇÕES DIGITAIS – USOS SOCIAIS DA INTERNET EM PERSPECTIVA ETNOGRÁFICA

Aluna: Jessica Arruda Cezar
Orientadora: Adriana Braga

Introdução

Este trabalho busca sintetizar os resultados parciais do projeto de pesquisa “Interações Digitais: usos sociais da internet em perspectiva etnográfica,” no qual me encontro engajada desde o primeiro semestre de 2009. O foco teórico da pesquisa centra-se no estudo da interação comunicativa ocorrente no ambiente da Internet e como ela afeta e é afetada pelos tradicionais meios de comunicação de massa. As complexidades envolvidas na interação entre os meios digitais e massivos põem em xeque a legitimação conquistada no seu meio de origem em decorrência da sua inserção no novo ambiente.

Sob orientação da professora Adriana Braga, que está imersa no estudo desse tema há cerca de sete anos, procuramos compreender as formas específicas com as quais arranjos interacionais se organizam no ambiente da Web 2.0. Buscamos ainda entender como as relações de pertença e reconhecimento se estabelecem, partindo da perspectiva da Ecologia das Mídias e da aplicação de conceitos da Análise do Discurso, das teorias da Interação Social e da Etnometodologia.

Objetivo

O objetivo central desse projeto é descrever e analisar aspectos da dinâmica interacional estabelecida entre participantes do ambiente da Web 2.0. Os dados são oriundos dos blogs, na intenção de analisá-los para melhor compreender a relação que as pessoas estabelecem na Internet e como esta atividade se insere em seu cotidiano. Buscamos recolher e analisar dados nas redes sociais que estabelecem ligação com fenômenos que a Braga (2008) problematizou e que são próprios desse meio. Alguns exemplos são as ‘microcelebridades’ – “pessoas que de notabilizam por alcançar um valor simbólico significativo a partir de sua *performance* nos ambientes digitais” –, a circulação de *links* e a questão da legitimidade dos conteúdos veiculados na Internet.

Metodologia

Pretendemos continuar empregando netnografia (*nethnography*) - perspectiva teórico-metodológica adaptada por Braga (2009) a partir da técnica etnográfica tradicional da Antropologia para o estudo de ambientes digitais, que não prescinde do contato face a face com os/as participantes das situações pesquisadas – no exame dos registros recolhidos ao longo dos últimos anos, visamos compreender melhor as interações sociais que ocorrem na Web 2.0.

Tomando como ponto de partida uma coleção de textos publicados na Internet, entrevistas presenciais, por telefone e por mensageiro instantâneo, bem como anotações feitas a partir de experiências de observação participante em encontros presenciais com participantes daqueles ambientes, pretendemos examinar esses registros de modo a elaborar uma compreensão acerca das interações sociais na Web. Além disso, iniciamos

investigação a partir das atividades no microblog Twitter, dos circuitos interacionais estabelecidos nesse contexto, bem como questões relativas à construção da legitimação dos diferentes conteúdos publicados nos ambientes digitais. Partindo para outros circuitos interacionais estabelecidos no contexto desse projeto, buscamos sempre novos ambientes para observação e análise, de modo a caracterizar e estabelecer relação com esses fenômenos, particularmente, a relação entre meios digitais e massivos.

Conclusões

Nossa pesquisa resultou na publicação de artigos e capítulos de livros no Brasil e no exterior (listados abaixo), explorando a interação entre os meios de comunicação digitais e de massa. Um desses artigos foi apresentado por Adriana Braga no GT “Recepção, Usos e Consumos Midiáticos”, do XIX Encontro da Compós, em junho deste ano. Devo salientar que, como parte das atividades desta pesquisa, me envolvi diretamente na realização do evento, sediado na PUC-Rio, ajudando como monitora na sua produção e organização. Assisti ainda aos trabalhos apresentados pelos/as pesquisadores/as do GT “Comunicação e Cibercultura,” por entender que era um dos grupos de trabalhos mais relacionados à nossa pesquisa e além ser o de maior interesse acadêmico-pessoal.

Produção Bibliográfica no período

BRAGA, Adriana. “Gender Blogging: femininity and Communication Practices on the Internet..” In: BURCON and AMES (ed.) **Women and the Gendering of**

Communication Practices across Media. Jefferson, McFarland Press, 2010 (no prelo).

BRAGA, A. e GASTALDO, É. “Perspectivas Naturalistas em Comunicação: uma angulação teórico-metodológica.” In: LOPES, M.I.V. et AL. (org.) **Pesquisa Empírica em Comunicação.** São Paulo, Paulus, 2010.

BRAGA, Adriana. “Microcelebridades entre meios digitais e massivos.” Artigo apresentado no XIX Encontro Anual da Compós. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2010.

BRAGA, Adriana. GASTALDO, E. “O Legado de Chicago e os Estudos de Recepção, Usos e Consumos Midiáticos.” Porto Alegre, Revista FAMECOS, v. 39, p. 78-84, 2009.

BRAGA, Adriana. “Todo mundo pode ter blog? Práticas de legitimação na blogosfera.” In: RODRIGUES, C. (org.) **Jornalismo On-line: modos de fazer.** Rio de Janeiro/Porto Alegre: Editora PUC-Rio/Sulina, 2009.

BRAGA, Adriana. “Nethnography: A Naturalistic Approach Towards Online Interaction.” In: B. J. Jansen; A. Spink; I. Itaksa. (org.). **Handbook of Research on Web Log Analysis.** Hershey, Pennsylvania: IGI Global, 2009, v.1, p. 486-503.

BRAGA, Adriana. “Teorias da Interação Comunicativa e a Ecologia da Mídia.” In: TAVARES. (org.). **Teoria da Comunicação.** Belo Horizonte, Editora Educacional, 2009, v.1, p. 83-95.

BRAGA, Adriana A. “Teoria e método na análise de um blog: o caso Motherm.” In: Amaral, A. et al. (org.). **Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação.** 1 ed. São Paulo: Momento Editorial, 2009, v. , p. 75-92.

Título

Interações Digitais – usos sociais da Internet em perspectiva etnográfica

Linha de Pesquisa: Cultura de Massa e Práticas Sociais

Introdução/Justificativa

O foco teórico desta pesquisa centra-se no estudo da interação ocorrente no ambiente da Internet, desde uma perspectiva ecológica da mídia. Em particular, busco discutir as formas específicas com as quais arranjos interacionais se organizam, e como as relações de pertença e reconhecimento se estabelecem. Os dados são oriundos das interações no âmbito dos blogs, fotologs, comunidades no *Orkut*, de encontros presenciais, entrevistas pessoais e gravações em vídeo de interações entre participantes das interações e a tecnologia comunicacional em situações de uso. A perspectiva da Ecologia das Mídias e a aplicação de conceitos da Análise do Discurso, das teorias da Interação Social e da Etnometodologia, possibilitam identificar categorias interacionais e discursivas, a serem descritas e analisadas.

As mídias realizam uma ação significativa nos processos identitários nos nossos dias. As possibilidades proporcionadas pelas tecnologias computacionais delineiam um fenômeno histórico emergente que assinala uma tendência, e que demanda compreensão.

Os grupos pesquisados são compostos na sua maioria por pessoas de classe média, que lidam com o computador diariamente, usuárias/os leigas/os dessa tecnologia. A considerar a implementação constante de programas e campanhas de alfabetização, escolaridade, busca de solução para a problemática de acesso, inclusão digital nas escolas e periferias, as práticas sociais realizadas pelos grupos observados apontam para uma perspectiva de crescimento exponencial, mesmo que hoje essas pessoas ainda possam ser tomadas como uma elite privilegiada.

Objetivo

O objetivo central consiste em descrever e analisar aspectos da dinâmica interacional estabelecida entre participantes de ambientes digitais. Em termos mais específicos, pretendo discutir as formas particulares com as quais arranjos interacionais se organizam, bem como as relações de pertença e reconhecimento entre participantes, à luz de teorias da enunciação e da interação social. A partir da noção de sociabilidade, que poderia ser definida brevemente como uma forma autônoma, estética e lúdica da socialização (Simmel, 1983), procurei caracterizar estes ambientes de mídia como *locus* privilegiado do encontro entre cibercultura, práticas sociais e tecnologia computacional da comunicação.

Metodologia

O ponto de partida para a operacionalização deste estudo consiste em comentários publicados nos ambientes digitais. A forte dimensão interacional do fenômeno observado aponta para a necessidade de complementar a análise do discurso das/os participantes com uma abordagem de cunho etnográfico, visando a compor um aparato que possa captar com maior precisão e abrangência a complexa relação interacional ali estabelecida. Assim, a estes dados, acrescentam-se entrevistas presenciais, por telefone

e mensageiro instantâneo com informantes, além de observação participante em encontros presenciais, experiências registradas sistematicamente em um diário de campo etnográfico.

Juntamente com bolsistas de iniciação científica, serão investigados circuitos interacionais relativos, em suas dinâmicas discursivas e relacionais. Serão examinadas transcrições de entrevistas realizadas com informantes selecionados/as, anotações feitas a partir da participação nos encontros promovidos por participantes, interações verbais encontradas no circuito comunicativo gerado, e ainda, o conteúdo de um diário de campo etnográfico.